

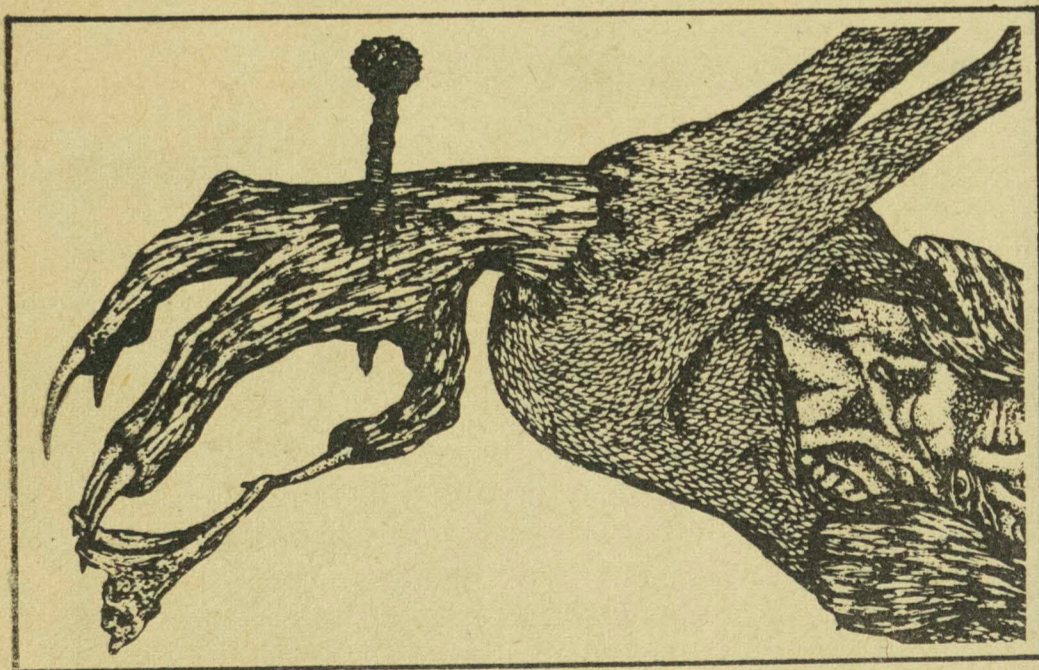
Uma mistura de Beleza negra de Kafka com guerra, terror, pânico. Esta é a assombrosa pintura de Darcílio Lima, um dos assombros do mundo atual.

Gerardo Mello Mourão

DARCÍLIO LIMA, DE CASCAVEL PARA O APOCALIPSE

1

Um pintor brasileiro, assombrado e assombroso, assombra os mais avançados centros de arte, com uma veemência erótica que chega ao patético, com aquela sinistra beleza esboçada por Kafka, em que o sagrado dos corpos emerge, negro.

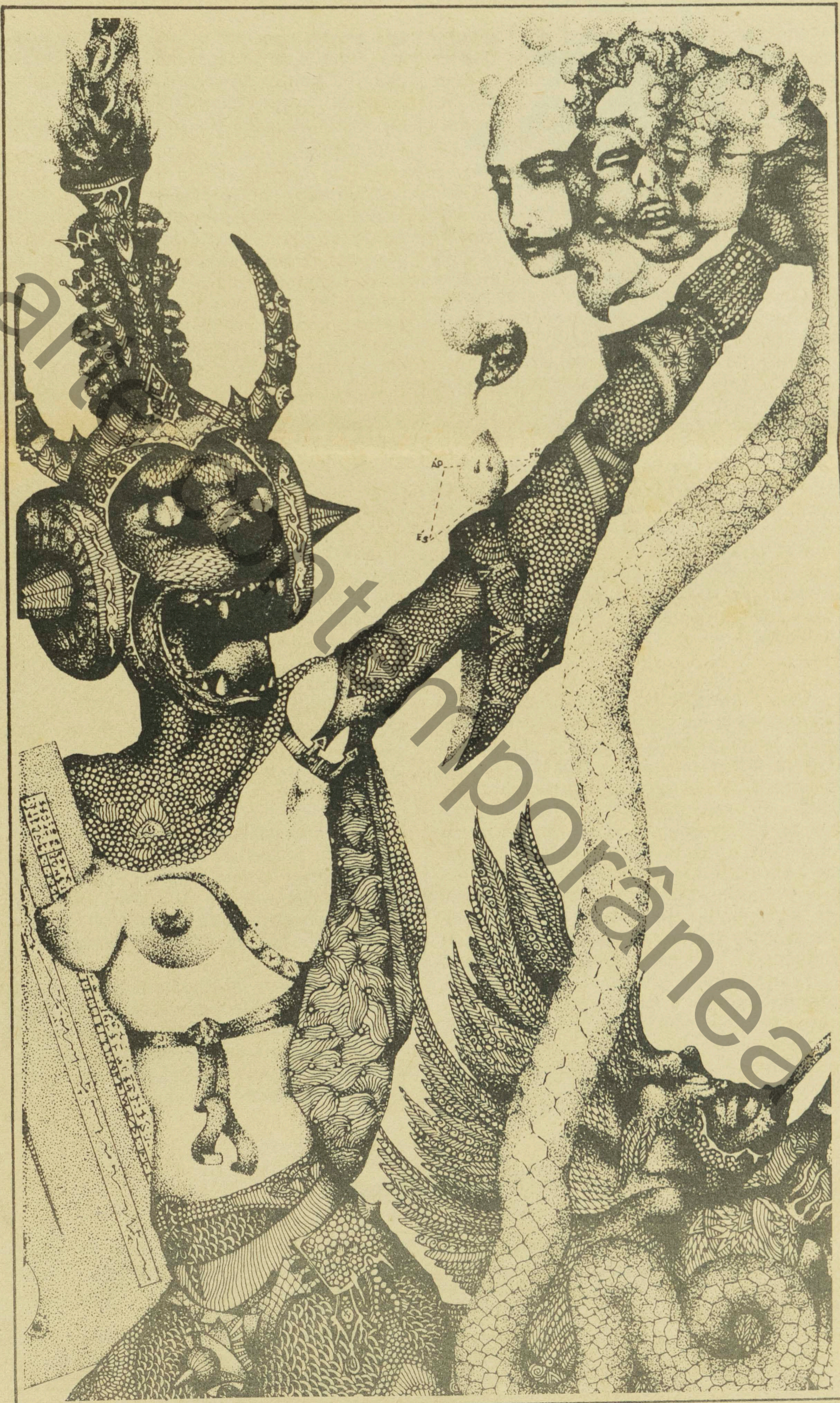


2

O mundo em pânico na pintura de Darcílio, o apocalipse de nossa era: a opressão, a repressão, o terror, a violência, a bomba de *napalm*, a guerra do Vietnã, o vestibulo do Purgatório e os interesses intestinos do Inferno.

3

Se Darcílio Lima tem alguma linhagem em sua pintura, há de ser a de Bosch ou do Apocalipse, trazendo nas veias o apuro de Pierre Della Francesca e chegando das fronteiras inconscientes do conhecimento dos antigos pintores chineses.



Santana
Neto



POLITIKA

7

feira
do livro

Aves de rapina

Um dos fenômenos mais curiosos ocorridos nos últimos anos na sociedade ocidental, sobretudo a partir dos movimentos contestatórios da juventude, dentro e fora das universidades, é o crescente interesse despertado pelas seitas religiosas e filosóficas do Oriente. Entre outras explicações há quem procure ver aí uma espécie de renascimento espiritual, determinado pela crise do mundo moderno. Parece, contudo, evidente que o processo de massificação, em que o homem foi despojado de seus valores intrínsecos, as fraturas ocorridas nas áreas em que se pretendia levar a efeito profundas transformações sociais, o comprometimento das religiões tradicionais com muitas das correntes antiprogressistas da humanidade, terminaram por levar a juventude à procura da chamada ultra-realidade, quando não optou pelo caminho da marginalização pura e simples, de que é evidência o fenômeno *hippie*. Trata-se, em muitos casos, de uma tentativa de retorno ao passado, de reencontro com as origens e com as fontes primeiras do pensamento humano, pela alienação dos valores erigidos pela sociedade de consumo e pela aceitação de uma atitude mística em face da vida e do universo.

Essa tendência tem encontrado campo aberto em áreas sociais cada vez mais amplas, principalmente naqueles países em que o desenvolvimento tecnológico e a padronização de hábitos e costumes alcançaram os níveis mais altos, e onde, paradoxalmente, predomina uma atmosfera de ansiedade e medo. Em um mundo que encontrou no terror atômico o ponto de equilíbrio em suas relações internacionais, não é de se estranhar que setores religiosos ocidentais não tenham escapado a esse tipo de influência. É o caso dessa extraordinária personalidade que se chama Thomas Merton, monge trapista, que buscou, por cima das dissidências e incompreensões, estabelecer um diálogo entre os Evangelhos e o Zen. Há, aliás, uma tendência na Igreja Católica, pós-conciliar, no sentido de uma

abertura em face dos contrários. Nessa mesma linha já se procurou encontrar identidade de pontos de vista e de visão entre o pensamento do Padre Theilhard Chardin e Sri Aurobindo, um dos mestres da filosofia do Oriente.

Atendendo à curiosidade que há nesse sentido, a *Civilização Brasileira* acaba de editar *Zen e as Aves de Rapina*, de Thomas Merton. É este o seu último e derradeiro livro, pois logo veio a falecer em modesto quarto de hotel, ao que se supõe eletrocutado, após um encontro de religiosos em Bangkok, onde pronunciara conferência sobre o tema *Monaquismo e Marxismo*.

Nessa obra, Merton, que é um escritor de mérito, além de poeta de grande sensibilidade, reúne ensaios publicados esparsamente, e onde tenta um esforço de compreensão e de interpretação do Zen, não como religião, mas como filosofia e como uma das mais altas expressões do pensamento oriental. Vai mais além, ao submeter a análise crítica a crise espiritual do nosso mundo moderno.

Um dos capítulos mais interessantes dessa obra é *Sabedoria e Vazios*, diálogo entre o autor e D. T. Suzuki. Aí, em nota preliminar, Merton adverte aqueles que buscam no Zen uma libertação sem se preocuparem com a disciplina moral. A estes ele diz: *Uma atitude de pseudo-Zen, que procura justificar o colapso total da moral com algumas racionalizações baseadas nos Mestres Zen, é apenas uma outra forma de autotapeação burguesa. Não é expressão de sã revolta, mas apenas outro aspecto do mesmo convencionalismo sem vida e inerte, contra o qual parece estar protestando.*

Zen e as Aves de Rapina é livro que vale a pena ser lido. Além de seu interesse moral e filosófico, ajuda a desfazer certas confusões tão próprias das conversas de café e de salão entre pessoas enfatiadas pelo vazio que lhes vai nas próprias almas.

Trepandé

Trepandé é o novo romance de Plínio Salgado. Novo, no caso, não é bem o tempo, pois, como diz em nota à guisa de explicação pessoal, os originais da obra foram encontrados por sua mulher, após trinta anos, entre velhos papéis a serem arquivados. Não ganhou com isto a literatura brasileira, nem o autor. Se a sua obra literária, como romancista, carece de rele-

vo, mesmo em se tratando de *O Estrangeiro*, anterior à aventura integralista, este livro de agora vem apenas confirmar as suas deficiências como ficcionista.

Trepandé é livro que soa falso, pela linguagem, típica dos primórdios do modernismo, e pela inconsistência da narração.

A edição é da Livraria José Olympio Editora.

Fenomenologia da Cultura Brasileira

Já se encontra nas livrarias *Fenomenologia da Cultura Brasileira*, de Crésio Coimbra, *Prêmio Lisa de Cultura*, de 1969. O autor, professor de Antropologia, tencionava como confessa no prefácio, escrever um ensaio de Antropologia Social, de caráter mais amplo. Viu-se contudo, por solicitação do editor, compelido a reduzir suas pretensões. Assim, o ensaio inicial, mais denso e mais complexo, teve que ser submetido a uma reformulação. Com isto reduziu o livro a um compêndio de caráter didático. Mas nem por isto *Fenomenologia da Cultura Brasileira* perdeu a sua seriedade, a sua importância e o seu caráter de pesquisa científica. Trata-se ainda de iniciativa pioneira. Crésio Coimbra tenta, pela primeira vez entre nós, em obra desse gênero, a aplicação da fenomenologia de Husserl na investigação da cultura brasileira.

O ensaísta, visando sempre localizar as diversas fases de nosso desenvolvimento cultural, conjugou a descrição fenomenológica com as teorias de Nicolau Danilemski, Oswald Spengler e Arnold Toynbee.

Apesar das limitações a que se impôs, o professor Crésio Coimbra oferece uma visão crítica da vida cultural brasileira, inclusive de sua economia, desde suas raízes coloniais até a época contemporânea.

Como diz o professor Antônio Cesar Ferreira Reis, um dos membros da comissão julgadora de o *Grande Prêmio Lisa de Cultura*, este livro abre perspectivas ao conhecimento do que somos e de como estamos contribuindo para uma melhor e mais dignificadora presença do homem no espaço físico.

O pensamento cristão antes de Marx

O Padre Fernando Bastos de Ávila, S.J., acaba de publicar um livro de maior significação cultural, *Pensamento Social Cristão antes de Marx*. Trata-se de uma espécie de antologia em que reúne nada menos de dezessete autores de língua francesa. O Padre Ávila nos propõe a sucinta biografia de cada um deles, seguida de um trecho muito bem traduzido e de um comentário. Os autores são os mais diversos, de Lacordaire a Monaulbert, de Ozanam a Guéranger, de Dupanloup a Laménais. O que se vê é que esses autores fizeram crítica severa do capitalismo e suas estruturas. É um longo libelo que se lê aqui. Quer dizer que a doutrina social católica, no seu primeiro período, era já uma crítica do sistema capitalista no que tem de errado, mesmo antes de Marx.

O fino sociólogo, que é o Padre Ávila, formado pela Universidade Gregoriana de Roma e pela Universidade de Louvain, tem o cuidado de só publicar textos anteriores a 1848. Assim, trechos muito fortes e expressivos, de Toniolo, de Ketteler, de Newman, ficaram de fora, porque são bem posteriores a 1850. Vemos assim que o pensamento social católico não foi nada indulgente com o capitalismo, na primeira metade do século XIX.

A encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, é de 15 de maio de 1891.

DARCÍLIO LIMA,
DE
CASCAVEL
PARA O
APOCALIPSE

A pintura de Darcílio Lima é a visão fim dos tempos, do vestibulo da eternidade que, nas solidões de Patmos, nos tras a revelação estológica.

A realidade das ordenações do mundo tem pouca importância. Porque o que mais vale está no ar, o Apocalipse

Entre Cascavel, Ceará e Mellors, Escócia, entre a Praia do Russell e Viena e Paris, acontece o Apocalipse. É possível que amanhã não cheguem ao seu destino os aviões da carreira, ou não circulem os jornais do dia. A realidade das ordenações lógicas e mecânicas do mundo tem tão pouca importância, que podem perfeitamente deixar de acontecer, sem que com isso se alterem as substâncias e a face do planeta. As emissoras de rádio e de televisão podem amanhecer mudas e cegas, até porque há uma coisa mais importante do que elas no ar — o Apocalipse. E o Apocalipse, este sim, acontece e tem de acontecer todos os dias. Sabe disso o pintor Darcílio Lima — e sabe-o com a refinada e dramática ciência de quem é, ele mesmo, arúspice e vítima, espectador e protagonista do Apocalipse.

Aí está o testemunho de sua pintura, que traz em branco e preto, aquela visão do fim dos tempos e do vestibulo da eternidade que a revelação escatológica desvendara nas solidões de Patmos, a outro voyant, São João Evangelista, nas solidões de Patmos, e de cuja linhagem descende, diretamente, o pintor. Nem há de ser por acaso que

vem Darcílio Lima de Cascavel, onde o Apocalipse costuma acontecer em pleno dia; entre os canaviais e a feira de rapadura, nos mesmos sítios por onde o Padre Antônio Vieira andou falando aos índios sobre o Juízo Final e as terríveis maravilhas do Vale do Armagedon e do Vale de Josafá. Desses vales e desses índios veio Darcílio, e dessas profecias, para iniciar seu turismo fantástico a um outro vale, o Vale de Sans.

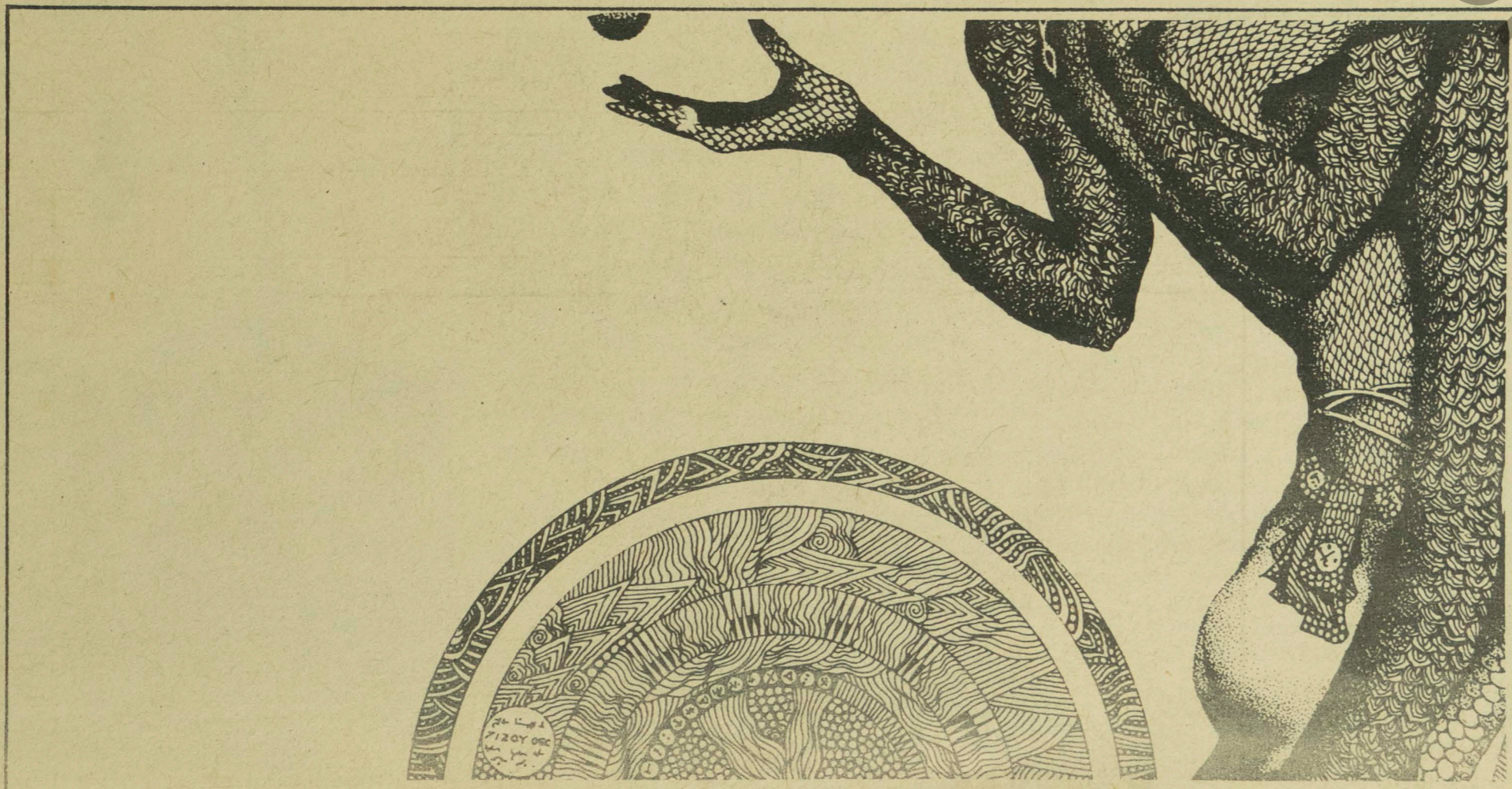
Cascavel é um vale de espantosos surrealismos. Por ali passou, pregando no púlpito da igreja de Nossa Senhora do Ó, o famoso profeta Frei Vidal da Penha, que anunciava o fim do mundo, chamando os pecadores à penitência, porque Crateús ia acabar-se rachando-se em crateras, o Ipu seria afogado em novo dilúvio, Ipueiras se sepultaria em poeira e Cascavel seria dominada pelas serpentes. Todas essas vozes e ameaças devem ter ficado gravadas, como herança imemorial e subconsciente, nos grandes olhos espantados e lúcidos de Darcílio Lima, o pintor em quem Mário Pedrosa identificaria a ressurreição e a catarse do surrealismo, cujo nome e cuja legenda ocupam hoje as mais importantes revistas de arte da

Europa, e ao qual, finalmente, o Salão Nacional outorgou, este ano, sua mais alta consagração — o Prêmio de Viagem ao Exterior.

Mas insisto em Cascavel. Pois é, certamente, das assombrações da infância que se encheram as pupilas perigosas de Darcílio, e são elas que regem a astúcia de sua mão dócil às visões. De resto, não se nasce impunemente no prodigioso serpentário de Cascavel, de onde vieram os homens mais surpreendentes do Ceará, como meus amigos, o Padre Portela, o Padre Arimatéia, capitão de negócios Edson Queiroz, e, afinal, o pintor Darcílio Lima. O primeiro deles trocou um bispado pela fumaça azul de seu charuto e a serenidade de sua alma. O segundo, cavalgando uma cadeira de rodas, empreende, diariamente, viagens mais vertiginosas que as do carro de fogo do Profeta. O terceiro desafia os Evangelhos, prestidigita a mágica de fazer passar um camelo pelo fundo de uma agulha e se insere tranquilamente pela porta estreita do reino do céu. E o quarto, o pintor, vai, a bico de pena, fazendo a crônica de todos esses sortilégios.



Darcílio Lima



POLITIKA

10

kultura

Dante não descreveu o céu, o inferno e o purgatório. Antes de seus tercetos, eles apenas não existiam. Por isso, toda obra de arte é uma obra-aberta.

DARCÍLIO LIMA,
DE
CASCAVEL
PARA O
APOCALIPSE

A erótica é uma das componentes da mitologia, presente em sua luz e sombra

Os quadros de Darcílio, disputados nos mais avançados centros de arte da Europa, e adquiridos pelos mais refinados colecionadores do País e do exterior, têm provocado interpretações antagônicas. Em torno deles, como da própria vida poliédrica e fascinante do artista, se criaram fábulas e versões, todas, possivelmente aquém de sua verdadeira axiologia ontológica. A mais freqüente dessas versões é a que qualifica sua pintura como essencialmente erótica. É muito, mas não é tudo. Os andróginos, as ginandras, os machos e as fêmeas que trazem a seus quadros o testemunho sagrado dos seios e dos falus, das doçuras calipíguas e das súplicas vaginais, têm, de certo, um força erótica que, no mundo das artes, só encontraríamos, por exemplo, no vigor religioso da pintura etrusca ou no sumo da lírica lawrenciana. E aqui é bom, desde logo, lembrar aquela distinção tão claramente formulada por Malraux, num dos prefácios de *Lady Chatterley*, para que não se confunda o erótico com o obsceno, o erotismo com a obscenidade. A borra do obsceno se esgota no âmbito da moral, enquanto o erótico é o mais alto testemunho vital de que é capaz o ser humano, e ergue o caule de sua palmeira sagrada naquele mesmo chão da Pureza e do Amor onde o fez brotar, nos tempos aurorais, o sopro do Espírito Santo, como uma prefiguração da ressurreição da carne, da ressurreição dos mortos e, pois, da imortalidade do homem.

A erótica de Darcílio é uma das componentes de sua mitologia. Pois o pintor tem sua própria mitologia, e é ela que está presente em sua luz e em sua sombra. Não se trata, porém, nem de longe, de uma pintura descritiva ou narrativa. O descritivismo e o narrativismo são a negação da obra de arte, como formas de conhecimento lógico e conceitual. A arte só se dá com o conhecimento mágico, intuitivo. Esta é a expressão de Darcílio: suas pinturas não narram, de forma alguma, a sua mitologia, não decorrem dela. Ao contrário: o mundo mitológico em

que o pintor funda a sua fé, seu conhecimento e seu sentimento do mundo, é que decorre de sua pintura. Dante, na *Divina Comédia*, não descreveu o Céu, o Inferno e o Purgatório. Antes de seus tercetos, essas regiões não existiam. A poesia as criou e, depois disso, podemos contemplá-las com nossa própria virtualidade. "Olho a olho" — como gosta de dizer Darcílio Lima. E é por isso que a "abertura" é uma das pedras de toque da obra de arte.

Toda obra de arte é uma obra aberta, isto é, uma realidade que cada um pode ver por um lado diferente. Toda obra de arte é um saco de espantos, sempre pronto a surpreender com um aspecto novo de sua inumerável realidade. Uma realidade fechada e esgotada em sua comunicação será tudo — uma fórmula matemática ou uma verdade científica, mas nunca uma obra de arte.

A arte só se dá como intuitiva

Da pintura de Darcílio, obra de arte em sua mais cumprida significação, abrem-se as portas mais diversas ao espectador. Quanto a mim, acredito estar diante delas como de cenas e figuras, fragmentos e presenças do Juízo Final, no momento terrível em que o homem, na nudez apocalíptica do próprio ser, não conseguirá ocultar a ninguém os recantos mais escondidos de sua paisagem interior. Quando nos lembrarmos todos da inocência edênica do Paraíso terreal, e do primeiro momento em que Adão e Eva tiveram de proclamar sua aflita nudez.

A QUARTA LEGIÃO

Darcílio alarga a pupila vidente e o dedo sábio sobre a pintura late-

jante, e me diz, como disse à revista "The Image" (Londres), que lhe dedica quatro páginas:

— "A rotina e a inconsciência eliminarão todo o campo, no curso desta geração, criando a secessão entre os homens — os privilegiados e os indefesos. Aquário e seus magníficos paraísos nos afogam com suas cores e suas imagens, deixando cair no esquecimento os sofrimentos do planeta Terra nos últimos tempos, tanto em relação à sua realidade cósmica, quanto à realidade física do ser animal. Já não será possível distinguir entre o racional e o irracional, a teoria e a prática. A Cibernética não deixará nenhuma alternativa ao homem. A Tecnologia conseguiu hipnotizar o planeta inteiro com ludíbrios sensacionais.

Os homens paralisados, à beira de sua fronteira cronológica, abrem imensos proscênios, em eterna competição uns com os outros, buscando afirmar-se. Hoje, vou deambular por aí, para descansar um pouco e, depois de gritar, vou oferecer incenso e mirra a Frida, Rossicler e Cileno, por suas excursões contraditórias nos grandes vales afrodisíacos de Marta e Ursa. Sinto, neste momento, a frescura do jasmim, que é o hálito de seus lábios, o roçar de suas sedas e o furioso tropel de seus garanhões, enquanto seus cabelos flutuantes e as crinas de suas éguas rasgam os ventos precipitados como finíssimas espadas.

Vão abrir o Grande Portal. Paz e Ouro".

Seus quadros já não têm nome. São apenas numerados.



DARCILIO LIMA,
DE
CASCAVEL
PARA O
APOCALIPSE

Euzéchel, nascido de Frida, é o único que registra dados anteriores a ela. E isto é terrível. A saída está, talvez, no confronto entre os dois.

POLITIKA

11

kultura

A mitologia darciliana tem em Frida sua deusa mais expressiva, que controla todo movimento e luz de Sans

— “Mas este — esclarece — é o “Triunfo”, que conclui a “Quarta Legião”. A Quarta Legião são seis trabalhos, em duas partes, onde se incorporam Frida, Rossicler e o Poder Total — que surge na união dos três grandes vales em um só, Sans. Sans é o reduto de Frida, que reúne todos os poderes e controla o movimento e a luz. Frida, vinda de Humus, toma posse de Sans. Mas o final da Quarta Legião é totalmente inesperado. Frida, que tem a chave da ciência, que domina o espaço, que resiste a tudo, gera de si mesma um filho — Euzéchel. E quando todos os vales se reúnem a Sans, todos os sentidos se canalizam para o geral, e um perigo põe em risco todas as coisas e todos os seres: Euzéchel tem poder sobre Frida. Com sua onipotência periclitante, Frida evade-se pelos grandes vales, onde domina em vida vegetal. Mas também ali, ela deve temer a chegada dos grandes pássaros nórdicos. Euzéchel, que nasceu de suas entranhas, registra dados anteriores a Frida. Isto é terrível, e a saída da Sétima Legião só é possível no confronto entre Frida e Euzéchel. Existem Marta e Ursa, áreas penetráveis através da vontade, mas Sans age magicamente. A carência de luz provoca a perdição. Os fiéis montam guarda ao Grande Vale, a cujas entradas rondam hienas e dragões. Destruir Euzéchel seria a solução, mas o extermínio de Euzéchel não é fácil.

Na Sétima Legião chega Cileno, na nona Casa, que é a meta da Paz. Cileno é a imagem que vai enfrentar olho a olho Euzéchel, o que não pode ser feito por Frida. Cileno é a Liberdade, a Independência, e a segunda parte termina em seu confronto com Euzéchel, riscando-se, então, o grande mapa.

É certo que Frida sabe tudo. Todas as coisas se espelham nela. Mas enquanto ela sabe tudo, Euzéchel pode tudo. E somente Cileno, seu igual pela origem, teria capacidade de enfrentar o poder de Euzéchel. Mas a vitória de Cileno também não constitui uma segurança, pois Cileno é o Desconhecido a quem Frida transmitiu sua imagem. O confronto, porém, há de realizar-se um dia. Nesse dia, aparecem Saturno e Diana, que geram imagens semelhantes

a Febo, circulando pelos grandes vales. E do fundo deles eleva-se, afinal, o Hino às Parcas, de onde se levanta como um epinício a presença de Frida. Muitas coisas ainda acontecem antes disso, entre elas o Confronto da Cabra Marinha, que, diz Darcílio, é terrível”.

Entendam os que puderem. Mas a visão é tão nítida e tão real como o Apocalipse, como o Bestiário de Lautréamont, como a Saison en Enfer, de Rimbaud, como o grande circo de Oklahoma, de Kafka, ou o Processo, ou o Fausto, ou a Comédia dantesca ou a descida de Dom Quixote à gruta de Montesinos e as terríveis revelações da Pítia virgiliana ou o Céu e o Inferno de Blake. Está nesta mitologia erótica e apocalíptica todo o drama do pobre e admirável ser humano sobre o planeta — a opressão, a repressão, a violência, a tortura, a pobreza, o esmagamento dos que sabem pelos que podem, a bomba atômica, a bomba de napalm, a guerra do Vietnã, os vestibulos do Purgatório e os intestinos do Inferno.

A CABEÇA DO ALFINETE

Darcílio, que começou pintando em cores, escolheu hoje aquela opção de pureza e de verdade do quarto Evangelista, que trata com a mera luz e a mera treva. Usa o preto e branco em sua pintura, até porque “a partir de 1900, já não é possível usar cores” sem que o artista fique condicionado a elementos que limitam sua liberdade de ocupação plástica do espaço, do encantamento e do detalhe. E em preto e branco, com o bico refinado de sua pena, o artista vai removendo o mundo, que toma, em sua pupila mágica, as dimensões de uma cabeça de alfinete. Mas percorrer a cabeça de um alfinete pode ser uma viagem tão longa e tão cheia de peripécias como percorrer toda a terra — façanha de que são capazes no mundo poucos daqueles que mamaram em peito de mulher. Um deles veio da aldeia hebréia onde nascera o Filho de Deus, e escreveu o Apocalipse, entre anjos e relâmpagos, numa ilha da Grécia. O outro veio dos doces e patéticos

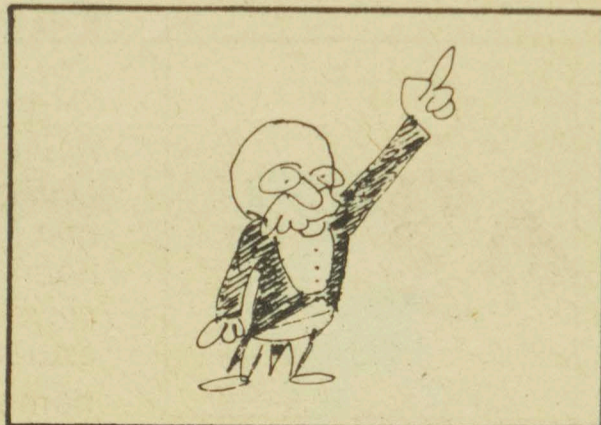
serpentários de Cascavel, por onde voa o esguio Padre Arimatéia numa cadeira de rodas incendiada, e onde os anjos e os demônios passeiam na feira da rapadura. Chama-se Darcílio Lima, está pintando o Apocalipse num apartamento da Praia do Russell, diante da baía de Guanaba-

ra em pânico. E os gringos que estão trocando seus quadros por libras e dólares e francos, por mais que paguem, terão de ajustar contas com os querubins no Dia do Juízo, no Vale do Josafá.



Onde as classes?

"Não me agrada, aqui, este nome de classes. Quisera vê-lo banido da linguagem política, numa democracia onde me não parecem ter lugar essas expressões de gradação e antagonismo. Como classes, numa sociedade nivelada, onde os próprios vestígios da escravidão se vão diluindo na fusão de todas as raas? Como classes, num regime de costumes, que reduz todas as distâncias, apaga todas as diferenças e iguala todas as condições? Como classes, num estado legal onde os direitos, hierarquias e dignidades se oferecem a todos os indivíduos, sem acepção de nascimento, cor ou herança? Como classes, num gênero de coletividade, cujos membros se não estremam uns dos outros senão pelas circunstâncias cegas, providenciais ou caprichosas, que abatem os mais nobres ou elevam os mais humildes? (Rui Barbosa, em 1919, em conferência pronunciada às classes conservadoras, na Associação Comercial do Rio de Janeiro, quando de sua campanha presidencial).



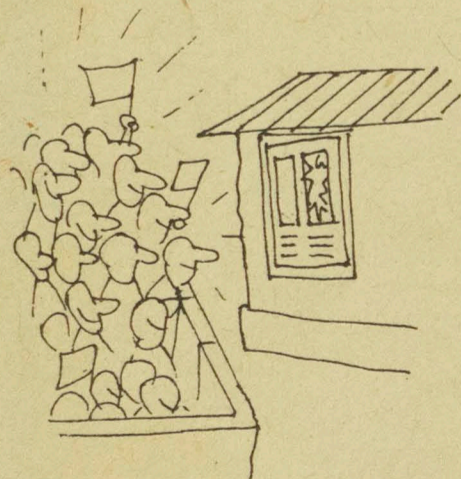
A toalha em crise



Não é que o Pravda protestou violentamente por terem dois ministérios se descuidado de seus deveres, fazendo com que na URSS viessem a faltar toalhas de banho? A crise é tão grande que a rapaziada está deixando os banheiros em trajes de Adão. Uma partida de toalhas foi fornecida ao supermercado Gum, a principal loja de Moscou, e em poucas horas se esgotou.

Apesar de ser um país muito frio, a Rússia é higiênica e sua população costuma tomar banho todo dia. Se fosse na terra de um famoso poeta isto não aconteceria; não é verdade, Fragoso?

Bola na zona



Essa a gente pediu emprestado ao Armando Nogueira, já que ele publicou em sua excelente coluna no Jornal do Brasil. No Paraná, um dos campos de futebol fica parede-e-meia com a zona do baixo mere-trício. Num desses dias, quando a partida transcorria quente, o beque do time local deu um violento

pontapé na bola, que foi incomodar os casais interessados em outro tipo de jogo, o do amor.

O locutor, que transmitia o prélio, saiu-se com esta:

— O beque, com uma salvadora botinada, mandou a bola para a zona do pecado...

E garante o Armando que o eufemismo pegou.

Um laudo muito cínico

Há dois meses, um menino — cujo nome omitimos proposadamente — morreu depois de comer um chocolate Ki-bamba, não sem antes ser medicado como se estivesse intoxicado. Evidentemente houve a maior repercussão. E a imprensa não poupou críticas à Kibon, fabricante do produto, inclusive porque parece não haver dúvida de que seus produtos, ultimamente, não vêm apresentando as condições mínimas exigidas para o consumo.

Pois bem; Foi instaurado um inquérito para apurar as responsabilidades. E ele foi arquivado, na semana passada. Sabem por quê? Simplesmente porque o Instituto Médico Legal, responsável pelos exames cadavéricos, chegou à conclusão de que a criança morreu por doença, isto quer dizer: miocardite e edema pulmonar. Não há, portanto, qualquer prova de que a ingestão do chocolate tenha provocado a morte.

E, quando perguntado sobre a razão pela qual dois irmãos do morto tiveram os mesmos sintomas de intoxicação depois de comer o chocolate, o delegado encarregado do inquérito saiu-se com esta fabulosa explicação:

— Uma simples questão de trauma nervoso, provocado pelo fato deles terem visto a criança passar mal.

Ah! Um pequeno detalhe: o pai da criança é porteiro de um edifício de apartamentos. E o choco-

late que não matou seu filho é de fabricação da Kibon, onde se pode ler General Foods.

Convenhamos, é o fim do cinismo.

Os pesos do Benjamim



A Rádio Nacional, definitivamente, não anda em boa fase. No tocante às transmissões esportivas. Depois de perder o Jorge Cúri, um dos mais perfeitos locutores do Brasil, inventou um tal de Benjamim Wright para as avaliações do comportamento dos árbitros em campo. E

o moço dá cada uma que deve encabular ao Geraldo Borges, comentarista esportivo e, nas horas menos vagas, assessor de imprensa do Banco Central.

No domingo passado, quando comentava um lance da partida entre Botafogo e Flamengo, Benjamim, cheio de empáfia e crente que estava abafando, disse o seguinte:

— Perfeita a marcação de Sua Senhoria. Até o momento ele não cometeu nenhum erro. Está usando dois pesos e duas medidas.

Depois, como que notando a mancada, corrigiu:

— Dois pesos e duas medidas iguais...

Como é, Geraldo, dá uma colher de chá para o Benjamim. E diz para ele que o negócio não é bem este. Explica para ele. Mas, por favor, não deixa a gente ouvir coisas assim. Dói, não é?

